

Governo, Ministérios, Dons e Ordenanças

“Pastoreiem o rebanho de Deus que há entre vocês... não como dominadores... mas servindo de exemplo ao rebanho.”

1Pedro 5.2-3 · NAA

Bispo Ildo Mello

Leitura prévia: Ef 4.1-16; 1Co 12.4-27; 1Tm 3.1-13

PARA COMEÇAR

As perguntas que nos guiam

Depois da natureza (Aula 1) e do retrato de Atos 2 (Aula 2), a aula de hoje desce à organização concreta da Igreja: governo, ministério, sacramentos, disciplina e dons.

1

Como a Igreja deve ser governada?

E o que o Novo Testamento realmente prescreve sobre isso?

2

Qual é o lugar do ministério?

Ministério pastoral, sacramentos e dons: onde entram na vida da comunidade?

3

O que a herança wesleyana acrescenta?

E o Metodismo Livre — o que a nossa identidade traz a esse quadro?

Aviso de sinceridade: nesta aula aparecem as convicções da nossa denominação. É preciso distinguir sempre o que é mandamento bíblico do que é arranjo prudencial — o Novo Testamento dá princípios, não organograma.

ROTEIRO DA AULA

Três paradas: governo, ministério e vida do corpo

1

Governo e conexão

As três formas clássicas; o modelo da IMeL; o Metodismo Livre.

2

O ministério

Ef 4.11-12; sacerdócio universal; requisitos e espírito do pastorado.

3

A vida do corpo

Meios de graça, batismo e Ceia; membresia e disciplina; dons.

O fio condutor: toda autoridade e todo dom na Igreja são serviço delegado por Cristo, o único Cabeça (Cl 1.18; Mc 10.42-45).

As três formas clássicas de governo eclesial

1

Episcopal

Governo por bispos — supervisão como a de Timóteo e Tito (1Tm 1.3; Tt 1.5). Forças: unidade, supervisão dos pastores, visão conexional. Risco: clericalismo e autoritarismo.

2

Presbiteriano

Governo por concílios de presbíteros (At 15; 1Tm 4.14). Forças: colegialidade e ordem. Risco: burocracia e lentidão.

3

Congregacional

Autoridade na assembleia local (Mt 18.17; At 6.3-5). Forças: participação e responsabilidade de todos. Risco: isolamento e assembleísmo.

Honestidade exegética: cada sistema encontra apoio parcial no Novo Testamento — sinal de que Deus deixou margem prudencial. O que o NT exige de todos:

pluralidade, supervisão, participação e ordem (1Co 14.40).

PARADA 1

O modelo da Igreja Metodista Livre: episcopal-conexional

1

Supervisão episcopal

Bispos e superintendentes cuidam dos pastores e da doutrina — pastores também precisam de pastor.

2

Concílios com leigos

Decisões em concílios com participação leiga: episcopal no cuidado, conciliar na deliberação.

3

Conexionalismo

Igrejas locais não são ilhas: partilham doutrina, missão, obreiros e recursos — como no NT (At 15; 11.22-26; 2Co 8-9).

4

Autoridade como serviço

“Entre vocês não é assim” (Mc 10.42-45): todo poder eclesiástico é serviço delegado pelo único Cabeça (Cl 1.18).

O arranjo busca as forças dos três modelos:

unidade episcopal, colegialidade presbiteral e participação congregacional. Mas nenhum sistema substitui caráter: estrutura boa com coração dominador ainda fere o rebanho.

PARADA 1 · NOSSA IDENTIDADE

Por que “Livre”? O Metodismo Livre (1860)

1

Bancos livres

Contra o aluguel de assentos que excluía os pobres do culto (Tg 2.1-9): no culto, ninguém compra lugar.

2

Pessoas livres

Compromisso abolicionista: B. T. Roberts e os fundadores se opuseram à escravidão quando era caro fazê-lo.

3

Culto livre

Liberdade no Espírito na adoração — sem formalismo morto nem desordem (1Co 14.40).

4

Vida livre

Simplicidade e liberdade da mundanidade e do amor ao dinheiro: uma igreja para os pobres, de santidade e justiça.

Nascemos de um protesto de santidade: igreja simples, livre e para os pobres. Vale perguntar: quais “aluguéis de banco” invisíveis existem hoje — barreiras que dizem aos pequenos que a igreja não é para eles?

O ministério é dom de Cristo — com uma finalidade clara

“E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo.” (Ef 4.11-12)

1 Dom do Cristo exaltado: ministros não são carreira nem casta — são presentes do Ressuscitado à sua Igreja (Ef 4.8).

2 Finalidade — preparar os santos: o ministro não existe para fazer a obra sozinho, mas para equipar o povo para a obra.

3 O alvo — maturidade do corpo: “até que todos cheguemos... à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4.13-16).

4 O teste do ministério: o pastor que centraliza tudo em si trai a própria razão do seu ofício.

Inverta a pergunta usual: não “quantos vêm me ouvir?”, mas “quantos eu preparei para servir?”. O

sucesso de Ef 4 é o povo ministrando, não o púlpito brilhando.

PARADA 2

Sacerdócio universal e ministério ordenado

1PE 2.9 · AP 1.6

Todos os crentes são sacerdotes

“Sacerdócio real”: todos têm acesso a Deus, todos ministram, todos testemunham. Não existe cristão espectador — todo membro é ministro. O ministério ordenado não é uma casta acima: é um ofício dentro do povo sacerdotal.

1TM 3.1-7 · TT 1.5-9

O ofício ordenado

Ofício de Palavra, sacramento e supervisão — vocação divina reconhecida pela Igreja. Requisitos morais, não talentos de palco: irrepreensível, apto a ensinar, boa gestão da casa, bom testemunho de fora. Provados primeiro (1Tm 3.10): caráter antes de púlpito.

Repare em 1Timóteo 3: quase todos os requisitos são exigidos de qualquer cristão maduro — a diferença do ofício é a aptidão para ensinar e a responsabilidade pública. O ordenado é exemplo, não exceção.

PARADA 2

O espírito do pastorado: as três antíteses de 1Pedro 5.2-3

1

Não por obrigação...

...mas espontaneamente, como Deus quer. O pastorado forçado azeda; o voluntário floresce.

2

Não por ganância...

...mas de boa vontade. Quem pastoreia pelo que recebe venderá o rebanho a qualquer preço.

3

Não como dominador...

...mas servindo de exemplo. A autoridade pastoral é moral antes de ser institucional.

E a promessa: “Quando o Supremo Pastor se manifestar, vocês receberão a imperecível coroa de glória” (1Pe 5.4). O rebanho é “de Deus” e está “entre vocês” — nem propriedade, nem distância: o pastorado presta contas a um Pastor.

PARADA 3

Os meios de graça: os canais ordinários de Deus

Wesley chamava de “meios de graça” os canais pelos quais Deus comunica graça preveniente, justificadora e santificadora.

- 1 Oração** — pessoal e comunitária (1Ts 5.17).
- 2 Exame das Escrituras** — ler, meditar, ouvir (2Tm 3.16-17).
- 3 Ceia do Senhor** — “o grande canal” (1Co 10.16).
- 4 Jejum** — disciplina esquecida (Mt 6.16-18).

- 5 **Conferência cristã** — comunhão intencional que edifica (Hb 10.24-25).

Graça “mediada” não é graça diminuída: Deus é livre, mas prometeu encontrar-nos nos meios que instituiu — e quem despreza os meios ordinários acaba refém de experiências extraordinárias. A igreja é o ambiente natural dos meios de graça: mais uma razão pela qual não há vida cristã madura fora dela.

PARADA 3

Os sacramentos: batismo e Ceia do Senhor

INICIAÇÃO

Batismo

Sinal da graça e da incorporação ao corpo (Mt 28.19; At 2.38, 41; 1Co 12.13); união com Cristo na morte e ressurreição (Rm 6.3-4). Antes de tudo, ato de Deus: sinal de uma graça que nos alcança antes da nossa resposta — e que reclama a fé professada na comunidade.

COMUNHÃO

Ceia do Senhor

Memorial da morte do Senhor até que ele venha (1Co 11.23-26); comunhão real com Cristo pela fé (1Co 10.16) e antecipação do banquete do Reino (Lc 22.16-18). Para Wesley, “o grande canal” da graça — a igreja primitiva a celebrava com frequência e alegria (At 2.42, 46; 20.7).

Agenda urgente: recuperar a centralidade e a frequência da mesa. Ceia rara comunica que o Evangelho é raro — em Atos 2, o partir do pão era marca constante, e também doméstica.

PARADA 3

Membresia e disciplina: o pacto e o cuidado

1

Membresia é pacto

Se o Senhor acrescenta os salvos à Igreja (At 2.41, 47), a membresia é o reconhecimento público e recíproco do vínculo: eu me comprometo com esta comunidade, e ela comigo.

2

Disciplina é gradual

Mt 18.15-17: a sós → com testemunhas → à igreja. O processo protege o pecador da exposição e a igreja da injustiça.

3

Disciplina é restauradora

“Corrijam essa pessoa com espírito de mansidão” (Gl 6.1; 2Co 2.6-8): o alvo é sempre o retorno, nunca a vingança.

4

Sem disciplina não é mais graça

Igreja sem disciplina não é mais graciosa — é menos amorosa: abandona o irmão ao pecado e expõe o rebanho e o testemunho público.

Retomando a Aula 2: nem donatismo, nem relaxamento. A disciplina é a forma institucional do amor que não desiste — e as classes wesleyanas, hoje vividas nos [pequenos grupos de discipulado](#), são a sua forma preventiva e cotidiana.

Os dons espirituais: a engrenagem do corpo (1Co 12)

1

Diversidade, um só Espírito

“Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo” (1Co 12.4-6): variedade é projeto, não problema.

2

Para o bem de todos

“A cada um é dada a manifestação do Espírito, visando a um fim proveitoso” (1Co 12.7): dom é serviço, não status.

3

Todos precisam de todos

“O olho não pode dizer à mão: não preciso de você” (1Co 12.21): a engrenagem perfeita da interdependência.

4

O critério é o amor

Sem amor, dons são bronze que soa (1Co 13.1-3); administrem a graça “como bons despenseiros” (1Pe 4.10-11).

Três implicações: todo membro é ministro; nenhum dom é motivo de orgulho — é dom; e a edificação em amor julga tudo. Ligando com Ef 4: os ministros equipam, os dons operam, o corpo cresce.

DA EXEGESE À VIDA

Síntese e aplicações pastorais

SÍNTESE DA AULA

Governo: o NT dá princípios — pluralidade, supervisão, participação, ordem — e a IMeL os articula num sistema episcopal-conexional com leigos. **Ministério:** dom de Cristo para preparar os santos, exercido com as três antíteses de 1Pe 5. **Vida do corpo:** meios de graça, batismo e Ceia frequente, membresia de pacto, disciplina restauradora e dons interdependentes.

Identidade: “livres” — igreja simples, santa e para os pobres, desde 1860. “Entre vocês não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vocês, que se coloque a serviço dos outros” (Mc 10.43).

1

Equipe, não centralize

Meça seu ministério por Ef 4.12: quantos santos você preparou para servir neste ano?

2

Submeta-se à conexão

Pastor sem supervisão é acidente anunciado: pertença de coração aos concílios e à mentoria.

3

Dê peso aos sacramentos

Planeje batismos com preparo e Ceia com frequência e reverência alegre — meios de graça, não apêndices.

4

Pratique Mt 18 de verdade

Nada de indireta no púlpito nem sentença no WhatsApp: a sós, com testemunhas, com processo e com alvo restaurador.

Wesley temia um metodismo com “a forma de religião sem o poder”. Estrutura sem Espírito é cadáver; Espírito sem estrutura se dissipa. A igreja saudável mantém os dois.

AVALIAÇÃO

Teste o que você aprendeu

Cinco questões de múltipla escolha, com nota ao final, e duas perguntas para reflexão com resposta sugerida. Cada alternativa traz um comentário assim que você escolhe — errar aqui também ensina.

PARA PENSAR E CONVERSAR

Perguntas para reflexão

Faça o exame de consciência das três antíteses de 1Pe 5.2-3: em qual delas — obrigação, ganância ou domínio — você (ou a liderança da sua igreja) está mais vulnerável hoje?

VER RESPOSTA SUGERIDA

Cada antítese tem o seu antídoto. Contra a **obrigação**, voltar ao chamado: o pastorado espontâneo nasce do amor a Cristo renovado — “você me ama?... apascente as minhas ovelhas” (Jo 21.15-17). Contra a **ganância**, contentamento e transparência financeira (1Tm 6.6-10): quem presta contas com alegria fecha a porta ao mercenarismo. Contra o **domínio**, proximidade exemplar: autoridade que anda na frente do rebanho, não em cima dele (Mc 10.42-45). E, em todos os casos, procure quem o pastoreie — pastores também precisam de pastor. A promessa de 1Pe 5.4 sustenta o exame: prestamos contas a um Supremo Pastor que também recompensa.

Uma família ferida por um escândalo pastoral chega à sua igreja e recusa qualquer vínculo de membresia: “não confiamos mais em pastores”. Como responder com mansidão?

VER RESPOSTA SUGERIDA

Primeiro, ouça a dor sem defensividade — a crítica pode ser justa, e a ferida é real. Depois, ofereça a lição de Agostinho contra os donatistas: os pecados dos ministros não anulam a Igreja nem invalidam a graça, porque a validade repousa em Cristo, não na perfeição do ministro. Mostre as salvaguardas que existem justamente por causa do pecado: requisitos de caráter (1Tm 3), supervisão conexional — pastores com pastores — e disciplina gradual e restauradora (Mt 18.15-17). Por fim, proponha um caminho de reintegração sem pressa: participação na comunidade, um pequeno grupo onde os vínculos se reconstroem, e, no tempo certo, o pacto público da membresia — porque não há cristão avulso (At 2.47), e o Supremo Pastor não falha (1Pe 5.4).

Para casa e próxima aula

TAREFAS

Estudo de caso (uma página): uma família ferida por um escândalo pastoral chega à sua igreja e recusa qualquer vínculo de membresia — elabore uma resposta pastoral integrando a doutrina do corpo, a lição de Agostinho contra os donatistas e um caminho prático de reintegração (entregar na Aula 4). Ler Mt 5.13-16; Rm 12.1-2; Ef 5.22-33; Hb 10.19-25 (NAA) e escrever um

parágrafo: qual é a missão da Igreja no mundo? E comece a leitura do livro-texto de Escatologia (Prefácio ao cap. 1), para o bloco que se inicia na Aula 5.

AULA 4

A missão da Igreja e os desafios contemporâneos —
desigrejados, sal e luz, plantação de igrejas a partir dos
lares.

*Citações bíblicas: Nova Almeida Atualizada (NAA), salvo indicação em
contrário. · Bispo Ildo Mello*